

O ensino-aprendizagem de língua inglesa, no ensino médio, após dez anos dos PCNs

Rosângela Segala de Souza¹

Após dez anos de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), constatamos que um dos principais avanços do ensino-aprendizagem de língua estrangeira foi o de que a língua passou a ser estudada no sentido de aproximação e interação dos alunos com diferentes culturas, permitindo o contato com diferentes formas de pensar, sentir, com diferentes concepções da realidade e do mundo. Porém, a língua inglesa cumprirá seu papel se não for estudada, no Ensino Médio, apenas por seus aspectos gramaticais, mas como um estudo mais amplo, que explore a língua em todos seus aspectos, principalmente o de comunicação e troca de conhecimentos. Para tanto, algumas competências e habilidades são necessárias e serão alcançadas, se forem desenvolvidas de modo que o aprendiz compreenda o sentido dos vocábulos, a razão social, cultural que levou o autor a optar por uma palavra em detrimento de outra e a relação que se estabelece entre os vocábulos. O domínio dessas habilidades levará o leitor à melhor compreensão do texto, do contexto e das idéias que se encontram subjacentes, assim como, a compreensão de elementos não verbais que, muitas vezes, preenchem lacunas da comunicação verbal.

Os PCNs enfatizam a construção do conhecimento como um processo que envolve conhecimentos de várias áreas, várias culturas, um processo que exige a reflexão, o (re)pensar sobre o mundo, sobre preconceitos e estereótipos. Portanto, é necessário material didático que priorize o funcionamento da língua sob o aspecto comunicativo e reflexivo de leitura e produção de textos, de diferentes gêneros textuais que:

é uma combinação entre elementos linguísticos de diferentes naturezas – fonológicos, morfológicos, lexicais, semânticos, sintáticos, oracionais, textuais, pragmáticos, discursivos e, talvez ideológicos – que se articulam na “Linguagem usada em contextos recorrentes da experiência humana, e que são socialmente compartilhados. (MOTTA-ROTH, 2005, p.181)

¹ Professora Mestre de Língua Inglesa do Colégio Estadual Manoel Ribas.

Apesar dos avanços, existem ainda, obstáculos que dificultam a prática de ensino de Inglês, no Ensino Médio, como:

- O stress do professor, provocado pelo excesso de trabalho, a tensão gerada pela indisciplina e violência, pelo sentimento de incapacidade na resolução dos problemas dos alunos, os quais são, na sua grande maioria de ordem social, econômica e cultural,
- A falta de letramento e leitura de mundo, como bem cita Freire, do aluno, o que permite que traduza textos, mas muito pouco interprete-os,
- O reduzido tempo disponível do professor para investigação dos conhecimentos já adquiridos pelos alunos (dentro e fora da escola), análise das lacunas ainda existentes e elaboração do material didático interdisciplinar apropriado, que venha suprir as falhas,
- A dificuldade enfrentada pelos professores para freqüentar cursos de formação continuada, em que o professor leia e escreva mais, ou menos para participar de grupos de estudos e
- A redução da carga horária semanal, da disciplina de Língua Estrangeira, a qual passou de duas horas para apenas uma, redução essa que encurtou o tempo de contato professor/aluno e menospreza o tempo de assimilação e o ritmo de aprendizagem de cada aluno.

Embora tenhamos esses fatores que podemos considerar negativos, empecilhos ao bom andamento do processo ensino-aprendizagem, o importante é estarmos sempre buscando avanço, pesquisando e descobrindo novos caminhos que conduzam a melhoria da qualidade das aulas de línguas.

Portanto, as pesquisas desenvolvidas nas universidades sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas são de grande importância, principalmente se forem compartilhados com aqueles que poderão utilizá-las na prática de sala de aula dos níveis fundamental e médio.

Sabemos que essa troca, muitas vezes, é inviabilizada por vários fatores que vão desde a resistência de professores a atualização de suas práticas, a carga horária excessiva de trabalho, como citado anteriormente, a falta de incentivo dos gestores da educação pública (refiro-me a estadual), até a dificuldade de acesso em função de deslocamento geográfico, no caso, professores de localidades distantes a universidade.

Não podemos negar que precisamos criar meios para que a interação daqueles que estão interessados em buscar alternativas de ensino-aprendizagem de línguas, que vise a língua não só como um conjunto de regras gramaticais, mas sim como práticas discursivas se efetive.

Portanto é fundamental a integração entre a universidade e as escolas, em que ambas atuem em comunhão, com troca de saberes e na construção em conjunto de conhecimentos na área de letras, e na divulgação dos resultados, pois é por meio da popularização da ciência, como foi citado por Moreira (2009), que são conhecidos, reconhecidos e disseminados os estudos realizados.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares do ensino médio**. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Parecer n. 15, de 1 de junho de 1998. **Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio**. Brasília, DF, 1998b. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne/parecer.shtml>>. Acesso em: 7 ago. 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**, 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

MOREIRA, T. **Avanços, obstáculos e superação de obstáculos no ensino de português no Brasil nos últimos 10 anos**. Texto apresentado na mesa redonda sobre 'Ensino de escrita na escola', outubro de 2009.

MOTTA-ROTH, D. O ensino de produção textual com base em atividade sociais e gêneros textuais. **Linguagem em (Dis)curso**, v.6, n.3, p. 495-517, 2006. Disponível em:
http://coralx.ufsm.br/desireemroth/publi/LingEmDisc_O_ensino_de_reda__o_com_base_em_atividades_sociais_e_g_neros